

NUNO ALMEIDA

VENCEDOR DO PRÉMIO ANTÓNIO DE MACEDO 2021

PELA  
CABEÇA  
DO REI

A FORTALEZA  
DOURADA

(Sample)



Editorial Divergência

PELA  
CABEÇA  
DO REI  
A FORTALEZA  
DOURADA

(Sample)



**Editorial Divergência**

Novembro de 2025

## FICHA TÉCNICA

**Título:** Pela Cabeça do Rei: A Fortaleza Dourada  
**Autor:** Nuno Almeida  
**Coordenação editorial:** Diogo Resende e Filipe Heath  
**Edição:** Diogo Resende e Filipe Heath  
**Revisão:** Carolina Sousa, Filipe Heath e Ana Teixeira  
**Artista de capa:** Constança Gonçalves  
**Composição:** Constança Gonçalves

ISBN: 978-989-9306-62-2

**Este livro foi composto pelos tipos:**  
Palatino Linotype

©2022 Editorial Divergência  
©2022 Nuno Almeida  
©2022 Constança Gonçalves

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

**Grupo Editorial Divergência**  
Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8  
Parque Empresarial do Camporês  
3240-465 Chão de Couce  
Portugal  
Website: <https://divergencia.pt/>  
E-mail: [geral@divergencia.pt](mailto:geral@divergencia.pt)  
Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Esta obra segue o Acordo Ortográfico de 1945

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU

Três sinais avisaram Dragnar da aproximação de um guarda. O primeiro foi o som dos seus passos, botas de cabedal duro raspando sobre o chão empedrado da mansão, avançando num ritmo certo e previsível. O segundo foi a luz da sua tocha, um círculo trémulo que se derramava pelo vasto corredor, afastando as trevas das paredes e pilares que o ladeavam. O terceiro foi o facto de o guarda estar mesmo à sua frente.

Dragnar encolheu-se contra o nicho entre a parede e um pilar, sem retirar os olhos da pesada armadura de couro fervido revestida com tachas e placas de aço que o guarda envergava, e descobriu que a tentativa de se esconder era particularmente difícil para alguém das suas dimensões. Com mais de dois metros de altura e um porte capaz de fazer frente a um touro enraivecido, ele era um terror no campo de batalha, e um péssimo ladrão.

Observou longamente o guarda, evitando fazer qualquer ruído, até mesmo respirar, sabendo bem que bastava um movimento, um impulso caprichoso da parte dele para se virar e o ver ali, encolhido como uma criança malcomportada fugindo da ira dos pais.

Sentiu um formigueiro crescer-lhe nas pontas dos dedos, abertos como as garras de uma águia em volta de um pequeno cabo de madeira preso no cinto, os seus olhos hipnotizados pelo pedaço de pele rosada e nua entre o elmo do guarda e a sua armadura. Dragnar questionou-se se haveria algum bom motivo para não saltar do esconderijo e lhe enfiar o punhal entre as vértebras, com a certeza de que a lâmina esguia deslizaria tão bem como uma chave na fechadura certa.

O punho fechou-se em torno do cabo do punhal e Dragnar preparava-se para o ataque, quando o guarda deu meia-volta e a luz da sua tocha lhe queimou os olhos como uma dezena de sóis. Precisou de todo o seu esforço para não gritar de agonia, encolhido no seu esconderijo, massajando as pálpebras cerradas que ardiam como se as tivessem espetado com alfinetes em brasa, enquanto o guarda prosseguia calmamente com a sua entediante vigília.

Esperou um longo momento antes de se atrever a destapar os olhos, mas quando o fez, afastando os longos cabelos encaracolados que lhe toldavam a vista, as trevas recuaram como se temessem os seus olhos queimados, e o grande salão revelou-se, banhado numa ténue luz prateada, todos as linhas e contornos realçados por uma claridade sobrenatural, como se um pintor os desenhasse com um pincel branco sobre tela negra.

Sorriu para si mesmo e avançou pelos corredores sombrios com a confiança de quem conhecia aquelas paredes como a palma calejada da mão. Foi uma viagem agradavelmente

solitária, com a maioria dos guardas domésticos confinada aos jardins e ao piso térreo, e os criados há muito nos seus quartos. O seu único inimigo foi a luz clara e brilhante da lua cheia irrompendo pelas janelas altas do Salão Celeste, forçando-o a avançar pelas sombras dos pilares que suportavam o tecto abobadado, tão alto que provocava vertigens a quem tentasse admirar os frescos pintados na sua superfície.

— Prémio vencendo os Radigantes — resmungou Dragnar para si mesmo, capaz de distinguir vagamente os contornos do guerreiro exageradamente musculado e curiosamente desprovido de armadura, trespassando o coração do seu tenebroso inimigo.

Encolheu os ombros e seguiu o seu caminho. Procurou pela porta da sala de estudo e encontrou-a destrancada, como já esperava. Em comparação com as jóias, armas de colecção e ouro em barras, os documentos do senhor Comandante da Guarda Real eram tão leves quanto insignificantes. Excepto um.

Dragnar não perdeu tempo com subtilezas. Escancarou portas de armários e tampos de arcas, arrancou gavetas do encaixe e atirou-as através da sala, espalhando folhas pelo ar que flutuavam calmamente de regresso à terra como cinzas no rescaldo de um incêndio. Encontrou inquéritos e requerimentos, relatórios e inventários, cartas formais e pessoais escritas com todas as cores, sobre pergaminho grosseiro e velino da melhor qualidade. Relanceou os selos quebrados com brasões que desfilavam como as páginas de um bestiário. Um leão sobre duas espadas cruzadas, da Casa Bragante. Um cavalo e um unicórnio engalfinhados num duelo de coices, contando a história atribulada dos Carionte. O touro enraivecido dos Aguilar. Uma quimera segurando uma espada e escudo, representando a família Argão. Todas as grandes casas nobres, nenhuma das quais interessava minimamente a Dragnar. Frustrado, amassou a última carta e arremessou-a contra a parede, de onde ressaltou até pousar sobre uma escrivaninha tão antiga que parecia remeter à fundação do reino.

Suspirou, reavaliando as suas opções, quando algo lhe captou a atenção pelo canto do olho. Aproximou-se da velha escrivaninha e abriu cuidadosamente a bola de pergaminho dobrado em que transformara a carta. Sorriu para si mesmo enquanto retirava com dedos trémulos um pequeno pedaço de velino escondido dentro da carta dos Argão, pouco maior que a palma da sua mão, e lacrado com um selo dourado em vez de vermelho, gravado com quatro dígitos: A III.

Soltou um grito de vitória, rapidamente silenciado ao recordar-se dos riscos que corria se alguém o ouvisse e o encontrasse ali. Depois, tranquilizou-se ao descobrir que era demasiado tarde para esse tipo de preocupações, quando sentiu a ponta de uma lâmina picá-lo sob as costelas.

— Não se mova — ordenou uma voz que não estava acostumada a ser desobedecida. Dragnar manteve-se calado.

— O que faz aqui?

— Não é óbvio?

O homem pareceu surpreender-se.

— A sua voz...

A faca recuou apenas durante o segundo necessário para acender uma lanterna, e Dragnar encolheu-se como um cego que via o sol pela primeira vez.

— Dragnar de Armas...

Não era uma pergunta. Dragnar voltou de imediato a sentir a faca encostar-se à sua pele, desta vez por baixo da orelha.

— Deuses, pensei que lhe tinham...

Dragnar observou o braço coberto por uma fina camisa de noite até ao rosto do homem que segurava a faca, a sua pele queimada pelo sol brilhando à luz morna da lanterna como couro velho, o lábio superior adornado por um bigode grisalho tão farfalhudo que parecia compensar o cabelo curto a recuar pelas têmeoras.

— ...queimado os olhos? — Dragnar fitou-o com duas órbitas de um azul tão claro como uma manhã de Verão. — Oh, bem que tentaram depois de o julgamento terminar. Enviaram cinco Silenciadores, quatro para me segurar enquanto o outro me despejava a água do cipreste. Deviam ter enviado mais. Alguns pingos queimaram-me os olhos, o resto derreteu-lhe a cara quando o afoguei na taça.

O senhor Comandante da Guarda Real observou-o com o espanto de um veterano que pensou não restar nada no mundo capaz de o surpreender.

— Assassinou cinco Silenciadores?

Dragnar mostrou-lhe um sorriso melancólico.

— Por favor, Comandante, ambos sabemos que esse é o menor dos meus pecados.

— Infelizmente para todos nós — ele engoliu em seco. — Devia ter sido condenado à forca pelo que fez.

— Mas Sua Majestade achou melhor presentear-me com um par de olhos cegos, e a vida de miséria que eles acarretam. Devia agradecer-lhe. Dificulta-me um pouco a visão durante o dia, mas quando o sol desce, nem os Filhos da Noite com as suas poções conseguem ver melhor.

O Comandante expirou com todo o sarcasmo que conseguiu reunir.

— Foi nisso que se tornou? Um ladrão? Um assassino?

Dragnar não conseguiu evitar uma gargalhada.

— Eu era um ladrão e um assassino a mando do meu rei. Continuo a fazer o mesmo, apenas deixei de servir Sua Majestade.

— Blasfémia! — gritou o Comandante, disparando uma saraivada de gotículas de saliva no rosto de Dragnar. — Eles tinham razão, todos os que se opuseram à sua nomeação para Primeira Espada. Um bastardo de sangue imundo nunca seria capaz de estar à altura do cargo. Era uma questão de tempo até que falhasse nas suas funções. No entanto, nunca pensei que pagássemos um preço tão alto.

— Nunca falhei ao meu rei — respondeu Dragnar, e todo o humor desapareceu da sua voz, substituído por um gelo que parecia assustar a luz trémula da lanterna. — Mereci a espada dourada, e ninguém foi mais devoto ao seu senhor. Cometi crimes tão negros a pedido do meu rei que fariam os anjos chorar nos três céus. Condenei-me para o servir, e de bom grado teria dado a minha vida pela dele.

Dragnar aproximou o rosto do general, alheio à faca que se encostou ao seu pescoço até lhe furar a pele, produzindo um fio vermelho que serpenteou através da barba rala.

— Servir o meu rei foi tudo o que sempre quis, e nada me poderia ter dado mais satisfação.

— Se isso é verdade, porque fez?...

— Mentiras! — bradou Dragnar, e a sua voz ressoou nos cantos sombrios da divisão. — Mentiras e falsidades que os nobres senhores desta maldita cidade segredaram aos ouvidos do meu rei, e o convenceram a culpar-me por um acidente, a descartar-me como um manto velho que não merece ser remendado. Arrancou-me da sua vida e do seu palácio com a facilidade com que alguém sacode uma mosca. Uma ordem sua, e conseguiu fazer o que tantos homens tentaram e falharam. Destruíu-me.

O silêncio abateu-se entre eles como uma cortina negra. Durante um longo momento, o único ruído foi o suave restolhar da chama dentro da lanterna, finalmente interrompido pelo Comandante a humedecer os lábios secos.

— É por isso que está aqui? — Apontou com a mão livre para o pequeno envelope ainda preso por entre os dedos de Dragnar. — À procura de algo com que me possa subornar? Quer a minha ajuda para recuperar o seu antigo cargo?

Dragnar quase se engasgou na própria saliva. Tossiu violentamente para limpar a garganta e depois soltou uma gargalhada tão forte que fez vibrar a faca colada ao seu pescoço, abrindo o pequeno corte até o fio de sangue se transformar num riacho que lhe ensopou a gola da camisa.

— Recuperar o meu cargo? — A sua voz ainda quebrava com os últimos espasmos de riso. — Não, Comandante. Não quero pousar a minha espada aos pés do meu rei, quero encostar-lha à garganta.

O senhor Comandante piscou os olhos cinzentos e cansados, como se tentasse resolver um quebra-cabeças demasiado complexo para a sua mente envelhecida, pelo que Dragnar sentiu o dever de o esclarecer.

— Eu quero a cabeça do rei.

O Comandante manteve a faca firmemente presa ao seu pescoço, mas recuou com o resto do corpo, como se o homem à sua frente fosse venenoso e um simples toque chegasse para o contagiar.

— Enlouqueceu... — balbuciou, o terror estampado no seu rosto. — A desgraça levou-o à loucura.

— Asseguro-lhe de que não é o caso — explicou Dragnar, sorrindo de novo. — Pela primeira vez na minha patética e miserável existência, estou totalmente lúcido. A água do cipreste não me cegou, pelo contrário. Abriu-me os olhos e, pela primeira vez, eu vi. E agora tenho um plano, e vou cumpri-lo.

Por mais que se esforçasse, o velho Comandante não conseguia entender.

— Mas... porquê?...

— Porquê? — Dragnar quase se engasgou. — Porquê? Não é óbvio? — Os olhos semicerrados e os lábios trémulos do senhor Comandante indicavam que não. — O nosso querido reino está podre. O povo vive na miséria, os mercadores fazem a sua própria guerra privada, e os nobres parecem galinhas a debicar as migalhas de um reino a desmorronar-se,

quando deveriam tentar repará-lo. O exército não passa de um esqueleto do que fora em tempos, e nunca tivemos tantos inimigos a cheirar-nos as fronteiras. As tribos do deserto organizam-se sob um novo califa, e será uma questão de tempo até se quiserem expandir. As cidades portuárias pousaram as armas, mas ameaçam-nos com embargos e sanções. Os reinos nórdicos esperam, por enquanto, mas quando nos virem cair, não perderão tempo a empurrar-nos para o abismo. E do Leste vem a maior ameaça. Diz-se que todas as tribos bárbaras se uniram sob um novo rei e procuram vingança pelo Massacre do Vale Vermelho. As nossas muralhas racham e quebram sob o peso dos anos, e não temos quem as repare ou quem as patrulhe. Se eles vierem, terão tanta dificuldade em arrombar os portões como eu tive a subir pela sua mansão.

— Sua Majestade... — balbuciou, mas a voz escapou-se-lhe antes que pudesse terminar.

— Sua Majestade? O rei? Que faz ele? Há mais de dez anos que se esconde no palácio, sem receber emissários, sem reunir o conselho, sem emitir qualquer ordem para resolver a situação. É como uma criança que tapa os ouvidos e fecha os olhos, esperando que a ameaça desapareça! Não percebe, Comandante? Eu não quero destruir o reino, quero salvá-lo! Se as muralhas caírem, não sobrará pedra sobre pedra. Casas serão passadas pela chama, e o povo pela espada, até que todo o reino se reduza a cinzas. Mas ainda há tempo! Se o reino cair por dentro, poderemos reconstruí-lo e fazer frente aos nossos inimigos. Mas, para isso, precisamos de um rei forte e capaz, e os deuses sabem que Agramonte não servirá.

Durante o longo silêncio que se seguiu, Dragnar desejou ardentemente que as suas palavras tivessem aberto os olhos ao velho Comandante. Seria o melhor aliado que ele poderia esperar, e tornaria tudo mais fácil. Como de costume, a realidade esmagou-lhe os sonhos e atirou-os pela janela.

— O seu plano vai morrer consigo, Dragnar — exclamou o Comandante, recuperando o controlo. — Não permitirei que deixe esta casa e cometa semelhante atroci...

Uma bota pesada cortou-lhe a palavra ao esmagar-se contra o tornozelo desprotegido, quebrando osso e rasgando tendão. A voz forte e decidida do Comandante tornou-se um guincho agudo, enquanto a sua mão perdia força e a faca lhe fugia por entre os dedos. Dragnar segurou-a com firmeza e enterrou-lha na barriga, por baixo das costelas, sobre o peito. A camisa de noite ensopou-se com três manchas vermelha que não paravam de aumentar, até se tornarem uma só.

— Se me queria matar, devia tê-lo feito quando teve a oportunidade. Agora, seria o meu sangue a esvair-se em vez do seu. Mas não são esses os modos de um Comandante da Guarda Real, pois não? — Dragnar fez um estalido com a língua. — A vida de mercenário ensinou-me algumas coisas que não se aprendem na Guarda Real. Cortar primeiro e fazer declarações dramáticas depois, por exemplo. Uma pena que não houvesse outra forma de lhe ensinar esta lição.

O Comandante contorceu-se no chão, tentando fechar os cortes com as mãos, que não conseguiam parar a hemorragia mais do que uma rede trava a maré, gritando por ajuda apesar de saber que se houvesse algum guarda nas imediações, já teria ouvido a sua discussão.

— Não vai conseguir...

— Shhh.... — Dragnar sentou-se no chão ao lado dele e pousou a cabeça do velho no seu colo, como se acarinhasse uma namorada. — Talvez não, mas receio que o senhor Comandante não esteja cá para ver.

— O rei...

— O rei também seguirá este caminho, e desejo ardentemente a honra de partilhar os seus últimos momentos. Talvez se voltem a encontrar, quem sabe. — Deu-lhe duas palmadas no peito e arrependeu-se de imediato, ao sentir a mão húmida e pegajosa. — Seja como for, vou tentar não demorar muito, senhor Comandante.

O Comandante já não o ouvia. Pousou a cabeça sem vida com o cuidado de quem trata de um homem ferido, e colocou-se novamente de pé. Guardou cuidadosamente o envelope lacrado num bolso interior do seu lorigão de couro negro e passou os dedos pela língua antes de apagar a chama da lanterna, que morreu com um silvo abafado.

O corredor lá fora permanecia silencioso, mas Dragnar tinha dificuldade em acreditar que em nenhum momento da sua acalorada discussão tivessem sido ouvidos por um guarda de patrulha. Não importava. Seria silencioso e, se necessário, violento. Acima de tudo, seria veloz, pois a noite corria avançada, e ele tinha ainda muito trabalho pela frente.

Ela sorria ainda antes de pousarem a caneca de barro à sua frente, cheia até à borda com cerveja castanha e coberta de espuma densa.

— Estás muito feliz esta noite — comentou o homem do outro lado do balcão.

— Tenho motivos para isso, Alfonse.

Aproximou a caneca do rosto e inspirou o seu aroma carregado. Satisfeita, levou-a aos lábios e sorveu um grande gole, a sua garganta movendo-se ritmadamente enquanto engolia o líquido espesso. Pousou a caneca com uma batida forte sobre o balcão, ao mesmo tempo que exalava um suspiro de satisfação. Passou a língua pelos lábios húmidos, de um vermelho tão vivo como os longos cabelos que lhe caíam pelas costas.

— Já te disse que tens a melhor cerveja da cidade inteira?

— Já, e continuo tão surpreendido como da primeira vez — respondeu o taberneiro, enquanto se ocupava a esfregar um copo de grés com um pano que dificilmente se poderia considerar limpo. — É a mesma zurrapa que se vende por todo o Distrito Castanho. Se subires aos bairros dos mercadores, servem-te a cerveja dourada dos reinos nórdicos, ou pelo menos é o que ouço dizer. No Fundo da Lama vendem-te água tingida, e considera-te com sorte se a cor for uma réstia de cerveja, e não outros... produtos em abundância nessa zona. Aqui? Todos compram cerveja aos Irmãos Verrarde. Se sentires algum sabor diferente, é porque o vendedor misturou algo no barril que não devia.

Ela fez um estalido com a língua.

— Incultos, não sabem apreciar uma boa bebida. Os Irmãos Verrarde fazem a melhor cerveja de todo o reino.

Como que reforçando as suas palavras, ela deu outro grande gole, deixando a caneca a menos de metade.

— Como queiras, Finrra, mas tem calma. A noite ainda mal começou para estares já a beber tanto.

— Mas eu tenho de celebrar!

Ela sorriu, e viu o rosto embebecido de Alfonse, os mesmos olhos desejosos com que a observava quando achava que ela não estava a reparar.

— Afinal de contas, o que aconteceu? Conheceste algum homem? — perguntou, atirando o isco.

Não esperava que ela o mordesse.

— Pode dizer-se que sim.

O copo quase lhe caiu das mãos e, por um segundo, o taberneiro fez um malabarismo capaz de impressionar os saltimbancos que animavam os festivais de colheitas. Pousou-o com todo o cuidado atrás do balcão e observou-o por um momento, como se ele tivesse algum segredo escondido. Sacudiu a cabeça, abriu uma velha garrafa de aguardente e encheu um pequeno copo, que engoliu sem cerimónia. Quando falou novamente, a sua voz era arrastada, hesitante.

— E ele é... bem-parecido?

Finrra recordou-se do seu rosto, da pele amarelada e sebosa, o nariz atarracado, o duplo queixo e os olhos demasiado pequenos no rosto redondo e gordo, o punhado patético de pelos a que chamava bigode e a verruga gigantesca sob o olho esquerdo.

— Nem por isso.

O taberneiro pareceu indeciso entre sentir-se aliviado ou confuso.

— É forte? Destemido? Corajoso?

Tinha-se ajoelhado e implorado, chorado baba e ranho, até os seus olhos se transformarem em pequenas poças negras numa cara inchada e vermelha. Tentou ameaças e promessas, chantagem e acordos. Tentou tudo menos enfrentá-la e, no final, o seu rosto contorcido numa expressão de dor inspirava apenas compaixão e repulsa.

— Definitivamente não.

Agora Alfonse estava certamente confuso. Voltou a encher o pequeno copo e bebeu-o de um trago.

— Pelo menos é rico?

“Eu sou rico!”, guinchara no seu desespero. “Posso dar-te o que quiseres. Moeda do rei, ou dos reinos nórdicos, ou das cidades portuárias. Ouro, prata, jóias. Poderás comprar qualquer coisa, tudo o que desejares!” As suas mãos tremiam com cada palavra proferida, e os seus olhos esbugalhados quase saltaram das órbitas ao ouvir a resposta. “O que eu mais quero neste mundo”, respondera Finrra com toda a honestidade, “acima de todas as coisas materiais, não se pode comprar com moeda ou ouro. Apenas com a tua vida.”

— Dinheiro não lhe faltava, mas nenhum será meu.

A garrafa de aguardente pairou sobre o copo, mas o taberneiro voltou a pousá-la sem a verter.

— Não percebo. Afinal de contas, o que tem esse homem de tão especial para te deixar tão feliz?

*O que tem ele que eu não tenha?* Quase conseguia ver a pergunta formar-se nos lábios dele.

— Deu-me algo que mais ninguém podia dar. Mas nunca mais o voltarei a ver — acrescentou, passando um dedo rebelde pelo braço peludo do taberneiro.

Nem queria saber o que era feito dele. Vendera o corpo ao Necromante, que lhe pagara ao peso como se comprasse carne no mercado, e o seu interesse terminara no momento em que o velho louco lhe pousara as moedas na mão. Uma última venda, após uma vida de negócios negros.

— Melhor para ti, esse não é o tipo de gente com quem te deves envolver.

— Tens razão — concordou, terminando a sua cerveja e deitando um olhar em redor.

— Prefiro estar aqui.

O Buraco da Ratazana atraía um tipo de clientela bastante específica. Ladrões, vigaristas e arruaceiros de todo o tipo pareciam gravitar em torno daquela taberna como mosquitos atraídos por uma candeia, e a sua presença afastava qualquer homem honesto que ali pudesse entrar por engano. Mas eram boa gente. Os verdadeiros bandidos, os traficantes, e chulos, e assassinos, frequentavam as tabernas da Porta da Navalha, onde um homem se arriscava a perder um dente por um mal-entendido, um dedo por um insulto, a vida por uma ninharia.

No Distrito Castanho, existe um código de honra. Discussões e desentendimentos resolvem-se do outro lado da porta. Dentro daquelas sagradas paredes de madeira velha e rachada, ninguém rouba, ninguém aldraba, ninguém discute. E assassinos não são bem-vindos. Quem for conhecido por ter tirado uma vida, quer tenha sido por vontade ou acidente, ali não entra. Nem a escumalha gosta de assassinos.

Era uma lição de que Finrra nunca se esquecia.

A um canto, um homem franzino e maltrapilho começou a arranhar um violino, arrancando-lhe notas sofridas como se esfolasse um animal vivo. Uma voz grave e arrastada juntou-se-lhe numa cantoria desafinada, e por todo o lado eclodiram palmas entusiasmadas, dezenas de mãos a bater num ritmo regular que tornava a estranha cacofonia em algo tolerável.

— A menina dança?

Um gigante de cabeça rapada e braços peludos como um urso debruçou-se sobre Finrra, uma mão carnuda esperançosamente estendida na sua direcção.

Ela devolveu-lhe o seu melhor sorriso, e nem teve de fingir.

— Noutro dia — sugeriu, escondendo as mãos por entre o tecido grosseiro do vestido que lhe cobria as pernas, como uma menina contrariada a quem os pais proibiram de dançar no baile.

O homem não se deixou abater. Bebeu uma caneca de cerveja de um único trago, agarrou numa criada que passava e arrastou-a, apenas um pouco contrariada, para o centro da taberna, sob os aplausos dos restantes homens, que batiam palmas e se riam alegremente ao seu redor.

Finrra deu por si contagiada pelo espírito da festa improvisada, rindo e batendo palmas com os homens, maravilhada pela facilidade com que a felicidade os encontrava.

— Quase me esquecia — interrompeu Alfonse do outro lado do balcão. — Pediram-me para te entregar isto.

Ela girou sobre o banco, voltando-se para ele, e encontrou um envelope de pergaminho negro pousado sobre o tampo manchado e lascado do velho balcão de madeira. O lacre não tinha selo, nem havia qualquer letra riscada na sua superfície suave. Nem toda a prática nas artes teatrais impediu Finrra de franzir o sobrolho, estremecendo com a dor súbita que lhe explodia na cabeça.

*Assim não.*

Segurou cautelosamente o envelope, como se esperasse que ele pudesse rebentar numa bola de fogo a qualquer momento. Não se sentiu impelida a abri-lo. Poderia estar vazio, ou conter um pequeno cartão com um conjunto de informações anotadas numa letra diminuta e mecânica. Fosse como fosse, ela não queria saber, não desta vez.

*É o sinal errado, não deveria ser assim.*

— Sentes-te bem?

O taberneiro observava-a, apreensivo.

— Quem deixou isto? — perguntou num murmúrio lento, esforçando-se para que a voz não lhe quebrasse.

Ele encolheu os ombros.

— Não o conheço, nem lhe consegui ver a cara por baixo do capuz.

O Mensageiro. Finrra jurara a si mesma não voltar a tirar uma vida, mas, naquele momento, sentiu-se tentada a reconsiderar.

— Obrigada.

Esmagou o envelope entre os dedos e levantou-se de um salto.

— Finrra — protestou ele —, passa-se alguma coisa? Talvez seja melhor...

Antes que ele terminasse, já a porta da rua se fechava atrás dela.

\*\*\*

A rua estreita serpenteava por entre edifícios altos de pedra enegrecida por fumo e sujidade, construídos andar sobre andar numa confusão de ripas de madeira, adobos e argamassa. Finrra espreitou a estreita nesga de céu negro visível por entre os telhados que pareciam dobrar-se sobre a sua cabeça, ameaçando ruir a qualquer momento, e pensou se a morte a encontraria assim, num acidente inesperado. Seria um fim irónico, mas não inédito. Conhecia histórias de gente esmagada debaixo de paredes e telhados,ERVEJEIROS afogados nos próprios tanques de fermentação, corpos cinzentos e inchados enterrados em fossas. A vida era barata naquela cidade, e havia muito que se convencera de que um final desses a esperava. Após uma vida a dispensar faca e garrote, veneno e dardo, era apenas justo que o seu próprio fim fosse totalmente absurdo.

Uma aragem repentina arreprou-a da cabeça aos pés, e ela abraçou-se a si mesma. Deixara o vestido tosco no quarto alugado a que chamava de casa, substituindo-o por bragas largas, uma camisa de algodão e um barrete demasiado grande que lhe tapava o cabelo amarrado num carrapito. Estivera tão preocupada com o disfarce, que não pensara em aspectos mais práticos da roupa escolhida, como a resistência aos últimos ventos invernais.

Um grito disparou de um beco próximo. Finrra estacou o passo por reflexo; depois, acelerou a sua caminhada quando algo a fez hesitar. Ao fundo de uma viela estreita, uma forma escura e enorme debruçava-se sobre outra mais pequena e encolhida, um pedaço de metal brilhando numa mão erguida, e Finrra recordou-se porque lhe chamavam o Fundo da Navalha. Ao fundo de cada rua, apenas uma lâmina esperava o viajante incauto.

Aproximou-se do homem num passo decidido e não tardou a ouvir súplicas desesperadas.

— Por favor... — choramingava ele — ...não tenho nada de valor, deixe-me em paz...

O agressor não pareceu empedernido. Dançou o aço nu à sua frente, totalmente alheio à mulher que se aproximava a passos largos. Foi necessário que uma mão o segurasse firmemente pelo braço para lhe chamar a atenção.

— Dá-me o teu casaco.

— O quê?

A outra mão enrolou-se-lhe em torno do pescoço como uma garra. Ele não pareceu satisfeito. Soltou um ronco de indignação e tentou cortá-la. Finrra torceu-lhe o pulso até se ouvir um estalido seco, acompanhado do retinir da navalha ao cair inofensivamente no chão imundo do beco. O homem guinchou como um porco na matança. Finrra rangeu os dentes com o ruído. Esmagou-lhe a cabeça contra a parede de pedra ao seu lado, uma, duas, três vezes, até o grito de dor se transformar num lamento agudo e depois num murmúrio sumido. O corpo inconsciente do rufião tombou para a frente, mas ela amparou-o com um braço. Despiu-lhe habilmente o grosso casaco de burel e deixou-o amparar a sua queda, estatelando-se com a cara ensanguentada numa poça castanha que não parecia apenas lama.

Finrra não esperou para ver se ele ainda se mexia. Voltou-lhe as costas e ocupou-se a vestir o seu casaco enquanto regressava à rua principal.

— Espere! — irrompeu uma voz atrás dela.

Espreitou sobre o ombro e viu o pequeno homem ainda encolhido no seu canto.

— O-obrigado... — balbuciou, numa voz cansada, como se tivesse usado toda a energia que lhe restava a pronunciar aquela palavra.

Finrra observou-o por um breve instante, e retomou o seu caminho.

\*\*\*

Um gigante de braços cruzados guardava a pequena porta, igual a tantas outras que conduziam aos edifícios decrepitos que enchiam a viela. Bordéis, casas de jogo, prestamistas, todos os negócios que envolvessem dinheiro e clientes pouco honrados investiam uma pequena parte dos seus lucros em homens como aquele. A sua presença era suficiente para dissuadir a maior parte dos arruaceiros, mas quando um cliente se mostrava demasiado ousado ou com pouco sentido de auto-preservação, descobria da pior forma que aqueles músculos grossos e o rosto coberto de marcas e cicatrizes não eram apenas decoração.

Finrra passou por ele sem uma palavra ou qualquer outro sinal, como se o gigante não passasse de uma estátua. Um braço robusto barrou-lhe o caminho. Ela devolveu-lhe o olhar em resposta. Não falou, não fez o sinal de mãos, nem mostrou a marca dos Filhos da Noite. Apenas trancou o seu olhar no dele.

Dizem que os olhos são a janela da alma. Os de Finrra eram de um verde brilhante como jade. Mas quando o segurança os encarou, pareceu ver algo mais. O seu braço recuou, como se a superfície da porta estivesse incandescente, e ela entrou.

— O que significa isto?! — bradou, irrompendo pelo gabinete com o ímpeto de uma tempestade.

Galgou a distância entre a entrada e a pesada mesa de mogno e pousou o envelope negro com uma batida sonora da mão. O rapaz sentado do outro lado torceu o lábio, observando a forma como as unhas de Finrra riscavam o tampo imaculado da secretária, estremecendo como se ela as cravasse no seu coração.

— Pergunto o mesmo — disse, numa voz calma, com apenas uma ligeira nota de aborrecimento. — O que significa isto?

Estendeu uma mão pálida através da mesa e recolheu o envelope, ocupando-se depois a enrolá-lo distraidamente entre os dedos.

— Não sou um brinquedo para que façais troça de mim desta forma — cuspiu Finrra, arqueando os braços sobre a mesa.

Ao fundo da divisão, semiocultos nos cantos escuros, um par de assassinos vestidos de couro negro fez a mais pequena sugestão de movimento. Os seus olhos escuros, visíveis por cima da máscara que lhes tapava a metade inferior do rosto, observavam-na atentamente, prontos a reagir. Finrra não lhes prestou atenção por dois motivos. Porque a maior protecção do Mestre das Sombras residia noutro lado, não naquele par de homens; e porque se eles tentassem enfrentá-la, estariam mortos antes de desembainharem os punhais.

— Executei o meu último contrato. O ritual menciona especificamente um envelope branco, não negro, como se simplesmente recebesse outra missão. Ou estais a fazer troça de mim, ou pensais em oferecer-me outro contrato. Não admitirei qualquer uma dessas hipóteses.

O rapaz estalou os lábios.

— As tuas palavras e o teu tom de voz não coincidem. Abordas-me com o decoro apropriado, porém, falas como se fosses a minha mestra e eu o teu subordinado. Se alguém está a quebrar o ritual, receio que sejas tu, Escarlata.

— Respondei-me — disse Finrra com os dentes cerrados. — Peço-vos.

Um sorriso trocista aflorou aos lábios do Mestre das Sombras. Debruçou-se sobre a mesa, afastou uma madeixa comprida de cabelo negro e pousou as mãos abertas no tampo polido da mesa.

— Este envelope não é um engano, tampouco uma qualquer partida ou brincadeira. Lá dentro está um nome, de nível tão elevado que não me posso arriscar a enviar outra pessoa. Este alvo não possui qualquer semelhança com aquele nobre rechonchudo. Este sabe lutar. Bem. Qualquer um dos teus irmãos correria o risco de falhar a missão.

— Enviei a Cerúleo, a Lápis-Lazúli, a Flor de Lis. Qualquer um deles estará à altura da tarefa.

— Não. Preciso do Demónio Escarlata. Preciso de ti.

— Eu saí.

Os cantos dos seus lábios torceram-se num sorriso.

— Nunca se sai realmente.

A mão de Finrra disparou para o cinto, os dedos tremendo de antecipação em torno do cabo da pequena lâmina. Assim que lhe tocou, uma dor agonizante explodiu-lhe no peito. Curvou-se sobre a mesa, os joelhos subitamente incapazes de suportar o seu peso, esfregando a camisa de algodão como se estivesse em chamas.

— Não acredito! — exclamou o Mestre, num misto de incredulidade e satisfação.

Levantou-se de um salto e aproximou-se de Finrra.

— Eras capaz de atacar o teu senhor? — Puxou-lhe bruscamente pelos cabelos. — De morder a mão que te alimenta? Sempre foste rebelde, inconstante. Avisei o meu pai de que não devíamos confiar em ti, mas, por qualquer motivo que nunca compreendi, ele tinha-te em grande estima.

Soltou-a, e a cabeça dela tombou contra a mesa, onde deixou um longo fio de saliva. Lentamente, a dor desapareceu e a força voltou aos seus membros dormentes, mas o peito ainda lhe ardia, como se a tivessem marcado com um ferro em brasa.

— Pois bem, comigo as coisas são diferentes. Tiveste tempo suficiente para aprender isso.

Voltou a sentar-se na cadeira de costas altas do outro lado da mesa.

— A situação é a seguinte. Estava preparado para te libertar, como manda o ritual, mas surgiu um imprevisto. Este contrato — apontou para o envelope amarrotado — vem de alguém muito bem colocado. Demasiado bem colocado, acima do qual está apenas o próprio rei. Não pude recusá-lo, assim como não pude recusar o pedido explícito de que enviasse o meu melhor agente. Como ambos sabemos, essa honra dúbia pertence-te. Portanto, aqui estamos.

— Se eu fizer este trabalho... — perguntou Finrra numa voz sumida, apoiando-se sobre a mesa para se aguentar em pé — ...depois?...

O Mestre das Sombras ergueu uma sobrancelha fina e bem cuidada.

— Depois?...

— Liberdade...

— Acabas de me dar um bom motivo para não te recompensar, de que forma for.

— Por favor...

Os seus olhos verdes choramingavam como os de uma menina perdida. O Mestre mostrou-lhe um pequeno sorriso.

— Mas eu sou generoso. Sim, faz este último trabalho e eu concedo-te a liberdade.

Finrra recuperou o envelope com dedos trémulos e começou a arrastar-se para a porta, quando uma voz atrás dela a interrompeu.

— Não te estás a esquecer de nada?

Ele mostrou-lhe uma mão onde um anel prateado brilhava, com uma gema negra do tamanho de um ovo de codorniz. O olhar de Finrra saltou da jóia para o rosto sorridente do rapaz e de novo para a jóia. Suspirou, contornou a mesa e ajoelhou-se à sua frente. Ele estendeu-lhe a mão e ela beijou a pedra fria.

— Meu Mestre e senhor.

Ele esbofeteou-a, o anel deixando um rasto vermelho no rosto de Finrra, e com a outra mão apertou-lhe o queixo. O instinto comandava-a torcer o pulso do agressor, libertar-se do seu aperto, mas era como se mãos invisíveis a agarrassem e mantivessem presa no lugar.

— Se voltares a rebelar-te contra mim, não importa que sejas a minha melhor assassina. Abro-te a garganta e vendo a tua carcaça ao Necromante. Pelo menos assim terás alguma utilidade.

Empurrou-a com força e ela caiu de costas no chão duro.

— Agora desaparece da minha vista.

Finrra regressou ao corredor, esmurrada, dorida e humilhada.

*Demónio Escarlata, um nome sussurrado como se fosse um mau presságio, a assassina mais temida da sua geração. Espancada como uma puta.*

A vergonha não lhe importava, há muito que tinha abandonado o seu orgulho. A dor não a magoava, suportara pior e sobrevivera. Era a impotência que a consumia. Saber que

estava à mercê do seu Mestre, como uma leoa treinada, acorrentada e enjaulada. Massajou o peito onde a dor se reduzira a um formigueiro.

Sozinha no corredor de pedra fria, ela quebrou o selo do envelope e resgatou o pequeno pedaço de pergaminho aí escondido. Escritos numa caligrafia pequena e concisa, quase mecânica, estavam um nome e um local, uma breve descrição física, o resumo de uma vida.

*Um homem perigoso, à altura da melhor Filha da Noite.*

Leu o seu nome com uma vaga curiosidade, esperando reconhecê-lo, mas era-lhe totalmente estranho.

— Maldito sejas, Dragnar deArmas.